
Intuição Fenômeno Espaço: considerações fenomenológicas¹

Intuition Erscheinung Raum: Phänomenologische Überlegungen

DOI: 10.12957/ek.2022.71812

Günter Figal²

Albert-Ludwigs-Universität Freiburg
guenter.figal@philosophie.uni-freiburg.de

Tradução e notas: Gabriel Lago de Sousa Barroso³

Revisão técnica: Deborah Moreira Guimarães⁴

A palavra e, de maneira correspondente, a coisa, que é associada a ela, têm um apelo indubitável. Se alguém afirma saber ou fazer alguma coisa “intuitivamente”, é comum haver uma reação cética. “Intuitivo” significa então algo assim como imediato, sem maior deliberação e, sobretudo, sem fundamentação. É possível que, tal como supomos ao olharmos ceticamente para a intuição, tudo ocorra bem, embora também possa dar errado, ao passo que a pesquisa minuciosa de algo – conduzida, no melhor dos casos, de forma metódica – ou a ponderação cuidadosa das alternativas da ação podem, de fato, não ser bem-sucedidas, mas, como em geral se supõe, têm uma probabilidade maior de sucesso.

¹ Agradecemos ao Prof. Dr. Günter Figal a autorização para publicar a tradução de seu texto originalmente intitulado *Intuition Erscheinung Raum: Phänomenologische Überlegungen* na Revista Ekstasis. Os direitos de publicação desta tradução foram concedidos pelo próprio autor à revista Ekstasis, ao tradutor e à revisora. O texto original não apresenta resumo e palavras-chave.

² Günter Figal é filósofo. Até tornar-se emérito, foi professor catedrático de filosofia na Universidade de Freiburg em Breisgau. Suas principais áreas de pesquisa são fenomenologia, hermenêutica e estética, esta última há alguns anos com ênfase na estética da arquitetura. Foi professor visitante em diversas instituições do mundo. Entre suas principais publicações, estão *Ästhetik der Architektur* (2021), *Unscheinbarkeit. Der Raum der Phänomenologie* (2015), *Erscheinungsdinge. Ästhetik als Phänomenologie* (2010), *Gegenständlichkeit. Das Hermeneutische und die Philosophie* (2006).

³ Pesquisador associado no Instituto de Filosofia da Universidade de Wuppertal e pesquisador de pós-doutorado no Arquivo Husserl em Leuven. E-mail: *lagobarroso@gmail.com*.

⁴ Pesquisadora de pós-doutorado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), bolsista da FAPERJ. E-mail: *deborahmoreiraguimaraes@gmail.com*.

Não deve ser então uma coincidência que a intuição tenha caído em tal descrédito. A possibilidade de se encontrar acesso imediato a algo ou de se fazer de imediato a coisa certa parece questionável, caso ambas sejam comparadas com a solidez do conhecimento empírico e da ponderação prático-racional que se tornaram canônicas. E tal possibilidade aparece como uma ilusão, caso se tome – seja qual for a variante – tudo o que pode ser pensado e dito sobre o mundo como uma construção, e se considere fundamentações práticas como superficialidades mentais, como efeitos de um comportamento cujo verdadeiro motivo reside em fontes obscuras da vida – a “vontade” e o “poder” sendo, desde Nietzsche, os candidatos mais favorecidos para tal.

Mas a intuição fora outrora algo assim como o conhecimento mais seguro, a apreensão direta, não-comprometida de algo ou também da coisa boa a se fazer. A palavra latina torna-se termo filosófico ao ser utilizada para a tradução do grego ἐπιβολή, que em Epicuro designa a apreensão direta de um todo.⁵ Husserl ainda emprega a expressão, não de forma incidental, mas sim naquela proposição fundamental da fenomenologia denominada “princípio de todos os princípios”, a qual deve demarcá-la frente a todas as “teorias disparatadas” que se encontram enredadas em hipóteses problemáticas. Tal como lemos em Husserl, pelo fato de que “toda intuição (*Anschauung*) doadora originária é uma fonte de legitimação do conhecimento, de que tudo o que nos é oferecido originariamente na ‘intuição’ (*Intuition*) (por assim dizer, em sua efetividade corporal) tem de ser simplesmente tomado tal como se dá, mas também apenas nos limites nos quais se dá, nenhuma teoria concebível pode nos enganar.”⁶ Fenomenologia, aprendemos aqui, é filosofia intuitiva, ela se baseia em uma apreensão imediata, a qual ela pretende mostrar que é possível, até mesmo incontornável. Fenomenologia consiste no olhar puro (*reines Hinsehen*), guiado pela confiança de que os objetos que lhe cabe descrever se mostram a esse olhar.

Sem a confiança que ganha voz no “princípio de todos os princípios” a fenomenologia não seria possível. Esta não é válida apenas para Husserl, mas também fala a partir da convicção de Heidegger, criticamente dirigida contra Husserl, de que a “vivência”, para ser apreendida filosoficamente, não deve ser objeto de uma observação,

⁵ KOBUSCH, Theo. “Art. Intuition”, in: *Historisches Wörterbuch der Philosophie*, org. Joachim Ritter/Karlfried Gründer, vol. 4, Basel, 1976, p. 524.

⁶ HUSSERL, Edmund. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie. Erstes Buch: Allgemeine Einführung in die Phänomenologie*, Husserliana III.1, org. Karl Schuhmann, Den Haag, 1976, p. 51. (*NdT.*: As ênfases de Husserl não foram adotadas).

mas pode vir “originariamente” à fala na medida em que a filosofia, que compreende e descreve a vida em suas estruturas, simplesmente ‘segue junto’ com a vida. Esse seguir junto compreensivo é denominado por Heidegger “intuição hermenêutica”.⁷ Como se pode complementar tendo em vista *Ser e Tempo*, tal intuição é possível, uma vez que a “vivência” a ser compreendida é essencialmente fenômeno. Ela é “o que-se-mostra-em-si-mesmo”,⁸ e, apenas enquanto se mostra de tal maneira, ela pode ser apreendida intuitivamente no que é em si mesma.

Se renunciarmos à pretensão de tal apreensão imediata, deixamos de pensar fenomenologicamente. Contudo, nem no caso do “princípio de todos os princípios” de Husserl, nem na “intuição hermenêutica” de Heidegger, é dito exatamente como essa pretensão pode ser levada a cabo. O simples fato de que as concepções de fenomenologia de Husserl e de Heidegger tenham frequentemente dado margem a revisões críticas mostra que elas não devem ser seguidas cegamente. Mas se considerarmos as inúmeras variantes e versões da fenomenologia que foram desenvolvidas na confrontação com Husserl e Heidegger – o que há, então? Afinal, a fenomenologia parece ser uma filosofia viva, não uma forma de pensamento filosófico historicamente descartada, mas uma filosofia que pode ser retomada e levada adiante sem o perigo de um anacronismo. Mas como isso é possível? Como se pode compreender mais precisamente a intuição que Husserl chama de “princípio de todos os princípios”?

Uma primeira indicação para a resposta a essa pergunta é fornecida pela própria formulação de Husserl. Quando ele afirma que tudo o que nos é oferecido na intuição deve ser “simplesmente tomado”, e, de fato, “tal como se dá, mas também apenas nos limites nos quais se dá”, isso inclui tudo aquilo que pode estar presente para a “intuição doadora originária”, portanto, por exemplo, um edifício tal como é visto de um ponto de vista específico e, assim, de uma perspectiva específica. A intuição que Husserl tem em mente não é, então, a apreensão completa de algo por oposição a uma apreensão meramente parcial – uma distinção que Epicuro já faz quando introduz a expressão

⁷ HEIDEGGER, Martin. *Die Idee der Philosophie und das Weltanschauungsproblem. Semestre de emergência em decorrência da guerra em 1919*, in: *ibid.*, *Zur Bestimmung der Philosophie*, Gesamtausgabe vol. 56/57, org. Bernd Heimbüchel, Frankfurt a.M., 1987, p. 117.

⁸ HEIDEGGER, *Sein und Zeit*, GA 2, org. Friedrich-Wilhelm von Herrmann, Frankfurt a.M., 1977, p. 38.

ἐπιβολή, mais tarde traduzida como *intuitio*.⁹ Tendo em vista algo “que se oferece” ou que se “doa”, e que é compreendido como fenômeno, uma tal distinção não tem lugar, porquanto tudo o que se oferece à intuição é completo em seu oferecer-se. Também por isso é possível que Husserl tenha colocado a expressão “intuição” entre parênteses na formulação do “princípio de todos os princípios” – para indicar que não se trata para ele na intuição de uma forma específica de apreensão que se distingue por sua completude, mas simplesmente de uma apreensão imediata, tal como levada a cabo na “intuição doadora originária”.

Além disso, essa apreensão não é um processo especificamente filosófico. Antes, trata-se simplesmente do que ocorre quando, por exemplo, temos em vista uma faceta específica de um edifício. Assim, afastar-se das “teorias disparatadas” nada mais é do que voltar-se para as experiências que são feitas constantemente na vida cotidiana. A fenomenologia não necessita de uma “revolução copernicana” para chegar, através da constituição do aparelho mental cognitivo, às coisas conhecidas e cognoscíveis. Seu acesso às coisas é o acesso de uma “intuição doadora originária” também atuante no âmbito pré-filosófico, e é, tal como esta, direto e intuitivo.

Isso não significa, porém, que toda experiência cotidiana seja, como tal, fenomenológica. A intuição, à qual as coisas se doam originariamente, é cotidianamente superposta por intenções e interesses, de tal modo que ela deva ser primeiramente liberada. Isso significa passar da “atitude natural”¹⁰ para uma atitude fenomenológica, e esta, por sua vez, resulta do que Husserl chama de “ἐποχή” – uma desconsideração dos posicionamentos e comprometimentos cotidianos, na qual estes não são negados ou colocados em dúvida,¹¹ mas simplesmente perdem sua importância. Não nos vemos mais envolvidos no mundo, mas apenas olhamos para ele. Por sua vez, tal como Husserl pensa, isso só é possível de forma consequente e inequívoca na medida em que não nos dirigimos diretamente às coisas, mas aos atos de consciência em que as coisas são dadas. Os fenômenos da fenomenologia, como escreveu certa vez Husserl, devem ser tomados menos como “algo que aparece” (*Erscheinendes*) e, sim, como o “aparecer”

⁹ EPICURO, Carta a Heródoto, p. 35.

¹⁰ HUSSERL, *Ideen I*, Husserliana III.1, p. 56.

¹¹ *Ibid.*, p. 65.

(*Erscheinen*) subjetivo.¹² Fenomenologia, no sentido de Husserl, é autorreflexão da consciência. É somente assim que os conteúdos de consciência ganham validade de forma pura.

A “intuição hermenêutica” de Heidegger tampouco é uma obviedade. Por um lado, o seguir junto à vivência pode parecer algo inteiramente natural, pois, ao final, a descrição compreensiva, que é como Heidegger compreende a filosofia, é ela mesma um modo de realização da vida. No entanto, é preciso que cada um trabalhe filosoficamente seu próprio caminho para chegar a essa perspectiva, se a filosofia, como Heidegger pensa, possui em si uma tendência à “teorização”, isto é, uma tendência a observar as coisas em sua “doação”.¹³ Tal tendência significa, contudo, “um processo de des-vitalização (*Ent-lebung*)”, em face do qual é necessário recuperar intuitivamente a imediatidade e o caráter direto da vivência.

É fácil reconhecer a concepção husserliana de fenomenologia na “teoria” construída por Heidegger como um modelo contrastante à “intuição hermenêutica”. Mas a concepção de Heidegger não é assim tão diferente dela. O programa de Husserl de uma filosofia autorreflexiva é também um retorno à “vivência” que retoma as “doações” na vida da consciência. E, após Heidegger ter criticado continuamente o “predomínio geral do teórico”,¹⁴ ele nos surpreende ao final de sua preleção ao afirmar que há “teorizações formais” que não pertencem “ao processo de desvitalização”.¹⁵ Isso pode soar espantoso depois de tudo o que se ouviu ou se leu. Mas como poderia ser de outra forma? Uma “intuição hermenêutica” que simplesmente seguisse com a vida sem observá-la, seja em qual sentido for, e, portanto, sem ter a experiência teórica da vida, não seria uma filosofia.

Com isso, no entanto, não é dito como uma “intuição hermenêutica” que segue junto com a vida pode ser teórica sem se tornar uma variante da objetificação (*Vergegenständlichung*) anteriormente criticada. A questão permanece sem resposta na preleção de Heidegger, e também a garantia dada em *Ser e Tempo* de que a “descrição fenomenológica” é “interpretação”, por meio da qual a vida, agora concebida como “ser-aí”, é “anunciada nas estruturas fundamentais de seu ser”, não esclarece qual

¹² HUSSERL, Edmund. *Die Idee der Phänomenologie. Fünf Vorlesungen*, Husserliana II, org. Walter Biemel, Den Haag, 1958, p. 14.

¹³ HEIDEGGER, *Die Philosophie und das Weltanschauungsproblem*, GA 56/57, p. 89.

¹⁴ *Ibid.*, p. 87.

¹⁵ *Ibid.*, p. 114.

estatuto tem uma tal interpretação e anúncio a respeito do “ser-aí” interpretado.¹⁶ Essa hermenêutica da auto-interpretação precisaria ser, de fato, uma hermenêutica específica, uma observação de si mesma, mas sem qualquer objetificação. Diante disso, Husserl parece ter uma resposta similar, porém mais clara à pergunta sobre a possibilidade de uma intuição fenomenologicamente liberada; se o seguirmos nesse ponto, tal possibilidade reside na autorreflexão. Mas é possível dirigir-se a atos de consciência da mesma forma que a objetos – como se a consciência fosse algo similar a um teatro interior, no qual, como Husserl certa vez formulou, tornamo-nos “espectadores puros” de nós mesmos, de nosso “eu natural-mundano e da vida-do-eu”?¹⁷ Pode-se duvidar disso. Como é possível pensar um pensamento, e, então, pensar um segundo pensamento que se relaciona com o primeiro como com um objeto?

Tanto a resposta de Husserl quanto a de Heidegger à pergunta sobre como é possível conquistar uma atitude fenomenológica originária são, portanto, insatisfatórias. Mas, se é verdade que deve haver em geral uma filosofia fenomenológica, uma tal resposta é indispensável. Pois justamente se a experiência cotidiana já é uma experiência de fenômenos e se a clarificação filosófica não deve tomar distância da vida, mas, sim, seguir junto a esta, é preciso poder determinar o que há de específico na visão filosófica e, mais precisamente, na visão fenomenológica. Como exatamente a experiência cotidiana é modificada ao se filosofar?

Nas observações finais de sua preleção, Heidegger entra em detalhes sobre o que há de específico na filosofia. A “teorização formal” que ele reivindica para a intuição hermenêutica não é uma “desvitalização” pelo fato de estar ligada ao “vivenciável em geral”, ou seja, não a “um certo tipo de objeto”, mas, sim, “à mais alta potencialidade da vida”.¹⁸ Dito de outra forma, trata-se nessa intuição da vida em sua possibilidade mais própria. Essa é a primeira versão de uma, senão *da* determinação central em *Ser e Tempo*, segundo a qual a possibilidade é “a última e mais originária determinidade ontológica positiva do ser-aí”.¹⁹ Seja como intuição hermenêutica concebida teoricamente, seja como análise do ser-aí, a fenomenologia é, como tal, exploração da

¹⁶ HEIDEGGER, *Sein und Zeit*, GA 2, p. 50.

¹⁷ HUSSERL, Edmund. *Pariser Vorträge*, in: *Ibid.*, *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*, Husserliana I, Stefan Strasser (org.), Den Haag, 1963, p. 15.

¹⁸ HEIDEGGER, *Die Philosophie und das Weltanschauungsproblem*, GA 56/57, p. 115.

¹⁹ HEIDEGGER, *Sein und Zeit*, GA 2, p. 191.

possibilidade, pois “superior à efetividade está a possibilidade”.²⁰ Enquanto intuição filosoficamente clarificada, ela apreende, assim, o caráter fenomenal dos fenômenos.

Com todo seu ceticismo a respeito da redefinição existencial da fenomenologia de Heidegger, Husserl teria de concordar nesse ponto. Em *Ideias I*, lemos que “o conhecimento das ‘possibilidades’ tem de preceder o das efetividades”, e que tal conhecimento, caso seja apenas “corretamente compreendido e utilizado da maneira correta”, é “uma grande verdade”.²¹ Se isso for compreendido como um comentário à convicção articulada pouco antes de que a fenomenologia é “a ciência metodologicamente fundante para a psicologia empírica, no mesmo sentido em que as disciplinas matemáticas materiais (por exemplo, a geometria e a foronomia)” o são para a física,²² Husserl elucida então a fenomenologia como um conhecimento das possibilidades, o que é inteiramente coerente, com base em sua convicção de que a reflexão fenomenológica dos atos de consciência não considera estes nem em sua vinculação à realidade, nem como sendo eles mesmos realidades psíquicas. E, como Husserl acentua, os atos de consciência refletidos podem ser, por isso, livremente variados e comparados com outros atos que sejam concebidos. Portanto, tal como ele formula de maneira provocativa, é “a ‘ficção’ o elemento vital da fenomenologia”.²³

Naturalmente, isso vale apenas sob a condição de que a observação fenomenológica seja uma reflexão que se ocupe apenas de atos de consciência, porque ela supõe encontrar nestes os fenômenos em seu “aparecer”. Em face disso, cabe lembrar, porém, da formulação do “princípio de todos os princípios”, segundo a qual devemos nos ater fenomenologicamente “ao que nos é oferecido originariamente na ‘intuição’ (por assim dizer, em sua efetividade corporal)”, e, também, da elucidação do fenômeno em Heidegger como algo que-se-mostra-em-si-mesmo. Como seria possível entender essas formulações de outra forma, senão no sentido de um primado da coisa que aparece? Não importa como se conceba a fenomenologia, parece ser evidente que o caráter fenomenal de um fenômeno tem de ser visto no aparecer ou mostrar-se *de algo*. De que outra forma seria a intuição “originariamente” doadora e “originária” enquanto intuição? E o que haveria de “se” mostrar senão algo?

²⁰ *Ibid.*, pp. 51 *et seq.*

²¹ HUSSERL, *Ideen I*, Husserliana III.1, p. 178.

²² *Ibid.*, p. 178.

²³ *Ibid.*, p. 148.

No entanto, esse traço fundamental realista da fenomenologia, que transparece em Husserl e Heidegger, só pode ser elaborado se pudermos compreender aquilo que se mostra como algo distinto de um estado de coisas da “atitude natural” no sentido de Husserl ou da “desvitalização” objetivante no sentido de Heidegger. Deve-se, portanto, tornar plausível como aquilo que se doa ou que se mostra originariamente pode ser visto não apenas como estado de coisas, mas como possibilidade na intuição fenomenológica, sem ter de reduzi-lo àquilo de que se tem consciência em um ato refletido de consciência ou à potencialidade da vida.

Uma indicação para isso pode ser encontrada em Husserl, mais precisamente em sua análise das coisas percebidas, que são de uma excepcional importância para sua fenomenologia pelo fato de serem de início as coisas originariamente dadas, e a percepção ser, de forma correspondente, a “experiência originária (*Urerfahrung*) a partir da qual todos os outros atos de experiência retiram uma parte central de sua força fundadora”.²⁴ Para as coisas perceptivas vale, porém, que elas jamais podem se doar de forma fechada e completa. Antes, vemos, por exemplo, um edifício, de um lado, enquanto seus outros lados não podem ser vistos desse mesmo ponto de vista. E se mudamos o ponto de vista, por exemplo, ao contornarmos o edifício, vemos então um lado diferente do anterior, ao passo que o lado visualizado de início não pode mais ser visto. Segundo a formulação de Husserl, um edifício, mas também toda e qualquer coisa, doa-se em “modos de aparição”, e, em meio a isso, há “um núcleo do ‘efetivamente apresentado’ envolto, no que se refere à apreensão, por um horizonte de ‘co-doação’ (*Mitgegebenheit*) inautêntica”.²⁵

O que parece bastante evidente e é ilustrado no exemplo do edifício foi uma descoberta filosoficamente original de Husserl. Ele descreveu, pela primeira vez, a horizontalidade do perceptível e ao mesmo tempo descobriu, com isso, a pertença mútua do movimento e da percepção ou, dito como sua terminologia, o caráter “cinestésico” da percepção.²⁶

Porém, a descoberta não é somente uma contribuição essencial para a fenomenologia da percepção e do perceptível – ela é esclarecedora para a compreensão

²⁴ *Ibid.*, p. 81.

²⁵ *Ibid.*, p. 91.

²⁶ HUSSERL, E. *Ding und Raum. Vorlesungen 1907*, Husserliana vol. XVI, Ulrich Claesges (org.), Den Haag, 1973, pp. 154-163.

dos próprios fenômenos. Fenômenos, em todo caso fenômenos perceptíveis, são “modos de aparição” determinados espacialmente, que, junto a outros modos de aparição, pertencem a um “horizonte” de aparição e não-aparição e constituem nessa horizontalidade a coisa que aparece. O que se vê dessa coisa a cada vez, ou o que apenas é visto concomitantemente, ou o que se assume ser possivelmente visível depende de como nos situamos espacialmente. Em todo caso, porém, o aparecer é espacial; ele só é possível no espaço e é, assim, uma possibilidade do espaço.

De acordo com isso, nenhuma coisa que pode aparecer à percepção poderia ser compreendida senão em sua espacialidade, e, para toda outra intuição que se baseia na “experiência originária” do perceber e retira desta “uma parte central de sua força fundadora”, isso também valeria fundamentalmente. A intuição doadora originária, isto é, a intuição que simplesmente toma aquilo que nos é oferecido, “por assim dizer, em sua efetividade corporal”, seria também sempre uma apreensão das aparições em seu caráter espacial. Ela apreenderia algo mais do que a “efetividade corporal”, a saber, aquilo que aparece na horizontalidade que lhe é própria, ou seja, espacialmente e no espaço.

No entanto, é plausível que, no caso normal da “atitude natural”, essa horizontalidade, ou seja, o caráter espacial do que aparece, não seja vista especificamente, mas apenas vista concomitantemente (*mitgesehen*), e que a atenção seja dada ao que aparece, portanto, por exemplo, a um edifício cujos diferentes lados nós observamos para conhecê-lo. Isso não é uma negligência, mas reside na essência mesma no espaço. O espaço não aparece, mas é inaparente (*unscheinbar*)²⁷ – não é oculto, mas, sim, constituído de tal modo que somente aparece concomitantemente (*miterscheint*) com o que aparece.²⁸ E, uma vez que na “atitude natural” estamos em geral interessados mais no que aparece espacialmente do que no espaço em sua aparição, deixamos de lado o inaparente do espaço.

²⁷ *NdT.*: Traduzimos o termo alemão “unscheinbar” por “inaparente”, de forma a manter a vinculação ao campo semântico de “erscheinen”, “Erscheinung” e “Erscheinende”, que significam, respectivamente, “aparecer”, “aparição” e “aquilo que aparece”. Na tradição fenomenológica, o campo semântico da aparição diz respeito à fenomenalidade dos fenômenos, e não deve ser entendido segundo a oposição metafísica entre ser e aparência (*Schein*), a qual é dissolvida com a realização da *epoché* fenomenológica. Por outro lado, Figal alude aqui ao fato de que a fenomenalidade dos fenômenos – suas condições de aparição – se assenta sobre uma dimensão que é, por sua vez, inaparente. Dito de outra forma, a espacialidade é uma condição essencial da aparição dos entes, mas não é, ela mesma, diretamente visível.

²⁸ Cf.: FIGAL, Günter. *Unscheinbarkeit. Der Raum der Phänomenologie*, Tübingen, 2015.

Porém, isso não precisa ser necessariamente assim, pois é possível uma conversão do olhar. Ao invés de se ver concomitantemente o espaço com as aparições, apenas é preciso ver as aparições a partir do espaço, por exemplo, ao observarmos um edifício, enquanto prestamos atenção no edifício menos para saber como ele se parece do que para ver como a sequência contínua de suas aparições se descerra espacialmente. Nesse caso, ocorreria a conversão da intuição que guia a experiência do edifício. Ela não estaria mais primordialmente vinculada ao visível que ela toma tal como este se oferece, mas estaria, antes, atenta a como e em quais “limites” ele se dá. Estaríamos, então, atentos à sua acessibilidade espacial e, com isso, seja qual for o grau de clareza, ao seu caráter de aparição. Aparições se descerram como tais a partir do espaço.

Tal atenção às aparições nem sempre é fenomenológica. Ela também pode ser uma experiência estética em que alguém, impressionado por um edifício, explora como ele se posiciona e se mostra, e como seu mostrar-se desdobra-se em diferentes perspectivas para o olhar cinestésico; ou também quando alguém não apenas observa o edifício em sua figura a partir do exterior, mas, entrando nele, segue mais ou menos a coreografia aberta de seus espaços e vê então o exterior na limitação peculiar das determinações da construção.²⁹ Quanto mais o edifício for uma obra de arte, tanto mais será possível ver nele as aparições do espaço. Arquitetura é espaço construído, limitado e, assim, definido por edifícios, e quanto mais clara for a configuração de um edifício, tanto mais marcante será sua aparição enquanto configuração do espaço.

Ao fazermos a experiência de tal edifício, também veremos talvez como sua configuração material e, com ela, sua visibilidade são construídas a partir do espaço. Por sua vez, é possível que se torne claro para nós que o espaço é intangível de uma maneira peculiar. Um interior, por exemplo, é visto a partir de suas delimitações; vemos tais limitações – paredes, piso e teto. O espaço que vemos está “entre” elas, ele é enquanto tal o intervalo (*Zwischenraum*) – a amplitude estendida entre as delimitações, o vazio entre seus limites materiais. Vemos o espaço assim, nós o apreendemos intuitivamente, sem conhecê-lo como algo objetual (*Gegenständliches*). O espaço somente pode ser apreendido de forma intuitiva, e, enquanto acolhemos intuitivamente como algo se mostra, tomamos isso, de forma mais ou menos clara, a partir do espaço.

²⁹ Cf.: FIGAL, Günter. *Ästhetik der Architektur*, Freiburg i. Br., 2021.

Uma consideração como essa é, como dito, estética – um esboço estético que, como toda consideração estética, precisaria ser concretizado em formações individuais tais como edificações; o estético é enquanto tal individual, e, assim, não pode ser compreendido de forma adequada como caso particular de determinações gerais. Para a experiência estética, vale mais do que para qualquer outra o fato de que só se faz jus aos seus objetos se estes foram tomados intuitivamente e acolhidos em seu mostrar-se, e, quanto mais claramente esse mostrar-se emerge como tal, tanto mais esse acolhimento ocorre a partir do espaço. Aqui, a apreensão intuitiva de algo que se mostra é fundamentalmente diferente da cognição de um estado de coisas. Este último pode ser questionado e examinado em sua adequação de conteúdo, portanto, em sua verdade; o primeiro pode – dentro de certos limites – ser descrito, ele pode ser interpretado e explicitado hermeneuticamente. Mas não é apto à verdade. O mero mostrar-se, tomado por si mesmo, não é uma verdade.

Que tais considerações sejam estéticas não é algo, porém, que exclua seu caráter fenomenológico. Ao se perguntar sobre o estatuto do mostrar-se, deu-se um passo significativo na direção da fenomenologia, e quanto mais refletida e esclarecedora for uma consideração com vistas às aparições e suas possibilidades, tanto mais patente ela será em seu caráter fenomenológico. De acordo com isso, a fenomenologia, tal como a estética, não é uma disciplina filosófica rigidamente delineada, mas, sim, um questionamento específico, mais ou menos distinto, que surge a partir da intuição e de sua reflexão. Tampouco há um limite fixo entre a fenomenologia, na medida em que é filosofia, e a não-filosofia. O que Husserl chamou de “atitude natural” pode passar gradualmente para uma consideração orientada pelos fenômenos, sem que a transição tenha de ser claramente marcada em cada caso. De uma só vez, verifica-se que já não se está orientado para intenções, interesses e estipulações de estados de coisas, mas que a atenção se voltou para algo que, se menos tangível, tornou-se, porém, irrecusável em sua evidência: aquilo que se mostra tal como simplesmente se mostra. Esse pode ter sido o primeiro passo para compreender que toda cognição, verificação, produção e mudança vive de evidências e intuições que não pode abarcar. Em última instância, aquilo que se mostra sempre pode ser apenas tomado como e enquanto o que se mostra. E nisso nenhuma “teoria concebível” deveria “poder nos enganar”.

Referências bibliográficas

- EPICURO. Carta a Heródoto, *in*: Cartas & Máximas principais. São Paulo, 2021.
- FIGAL, Günter. *Ästhetik der Architektur*, Freiburg i. Br., 2021.
- FIGAL, Günter. *Unscheinbarkeit. Der Raum der Phänomenologie*, Tübingen, 2015.
- HEIDEGGER, Martin. *Die Idee der Philosophie und das Weltanschauungsproblem. Semestre de emergência em decorrência da guerra em 1919*, *in*: *ibid.*, *Zur Bestimmung der Philosophie*, Gesamtausgabe vol. 56/57, org. Bernd Heimbüchel, Frankfurt a.M., 1987.
- HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*, GA 2, org. Friedrich-Wilhelm von Herrmann, Frankfurt a.M., 1977.
- HUSSERL, Edmund. *Ding und Raum. Vorlesungen 1907*, Husserliana vol. XVI, Ulrich Claesges (org.), Den Haag, 1973.
- HUSSERL, Edmund. *Die Idee der Phänomenologie. Fünf Vorlesungen*, Husserliana II, org. Walter Biemel, Den Haag, 1958.
- HUSSERL, Edmund. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie. Erstes Buch: Allgemeine Einführung in die Phänomenologie*, Husserliana III.1, org. Karl Schuhmann, Den Haag, 1976.
- HUSSERL, Edmund. *Pariser Vorträge*, *in*: *Ibid.*, *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*, Husserliana I, Stefan Strasser (org.), Den Haag, 1963.
- KOBUSCH, Theo. “Art. Intuition”, *in*: *Historisches Wörterbuch der Philosophie*, org. Joachim Ritter/Karlfired Gründer, vol. 4, Basel, 1976.
-

Recebido em: 27/09/2022 | Aprovado em: 14/12/2022

